

# ARAS ROMANAS NA FREGUESIA DE SÁ (ARCOS DE VALDEVEZ) NOTÍCIA DO ACHADO E SEU CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA ROMANIZAÇÃO DO ALTO MINHO

José da Silva Ferreira<sup>1</sup>  
Armando Coelho Ferreira da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO:

Notícia do achado, análise descritiva e estudo epigráfico de duas aras romanas, inéditas, na freguesia de Sá, Arcos de Valdevez, no Alto Minho, uma anepígrafa e outra com uma inscrição votiva dedicada ao *Sol Invictus* ou *Mitra*, interpretável como referência heliolátrica da tradição indígena das comunidades castrejas, cuja importância se releva no âmbito da penetração dos cultos orientais no noroeste peninsular no quadro da romanização.

**Palavras-chave:** Alto Minho, *Sol Invictus* / *Mithra*, heliolatria.

## ABSTRACT:

Information about the finding, descriptive analysis and epigraphic study of two roman altars, unpublished, from the parish of Sá, Arcos de Valdevez, in Alto Minho, one anepigraphic and another with a votive inscription dedicated to *Sol Invictus* or *Mithra*, interpretable as a reference to the indigenous tradition of the hill – forts communities, whose importance falls within the introduction of Eastern cults in the peninsular northwestern under the Romans.

**Keywords:** Alto Minho, *Sol Invictus* / *Mithra*, heliolatry.

O particular interesse pela Arqueologia e pela História do concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, tem feito chegar ao conhecimento de um dos signatários deste texto informações que, depois de exploradas, com frequência se revelam de certa relevância, de algumas delas publicando o seu estudo (Ferreira 1985 -1986, 1987, 2012, 2015).

Foi o que aconteceu neste caso, em que se dá conta da existência de um monumento epigráfico romano na freguesia de Sá, deste concelho, que, associado à referência congénere de outra ara, ainda que anepígrafa, na mesma freguesia, poderá constituir um valioso contributo para o conhecimento da romanização regional, conforme queremos sublinhar, em simples homenagem, ao nosso

---

<sup>1</sup> Médico, arqueólogo e historiador.

<sup>2</sup> Professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Membro do CITCEM - Centro Interdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (FLUP/FCT).

querido amigo Fernando Acuña Castroviejo, pela sua investigação em território (geográfico, cultural e simbólico) historicamente comum.

Com efeito, tendo chegado recentemente até nós (J.S.F.) a notícia que na igreja paroquial de Sá, situada num dos pontos mais elevados da freguesia, a 13 quilómetros da sede do concelho, se encontrava desde há muitos anos “uma pedra com letras”, visitámos o local, acompanhados pelo pároco, Padre Nelson Barros, e por José Barreiro de Brito, ex-presidente da junta de freguesia, tendo sido confrontados com uma ara romana de consideráveis dimensões, parcialmente danificada no seu capitel e epigrafada numa das faces.

E, aquando dessa primeira visita a esta igreja, mais nos informou o Sr. José Barreiro que num monte vizinho, acerca de 400 metros, existia uma pedra parecida, que servia de limite desta freguesia com a de Vilela, conhecida por “Marco do Padrão”. Na visita ao local constatámos que era uma segunda ara, com um ar de família com a da igreja e certamente procedente do mesmo contexto, quer oficial quer litúrgico, cumprindo relevar a existência de duas aras romanas numa localidade que se insere numa região reconhecidamente pobre em tais monumentos.

## **DESCRIÇÃO DOS MONUMENTOS**

### **1. Ara da igreja paroquial (fig. 1 - 2)**

Esta ara, sob o aspecto simbólico, é pertença do património espiritual da população. A prová-lo está a histórica oposição da população quando pretenderam vendê-la. A partir daí, ficou a ara dentro da igreja, colocada num nicho já existente, que servira anteriormente de ossário.

Antes disso acontecer, ela esteve encostada à parede oeste da igreja, encimada por uma tosca mas muito bela cruz monolítica com Cristo crucificado. Para isso ser possível, foi o fóculo alargado para poder receber com segurança a haste do pequeno cruzeiro.

Esta ara é de granito local, de grão fino, de duas micas, muita moscovite e alguma biotite, e alguns grãos quartzíticos, e mostra a forma clássica: capitel, com dois toros laterais, duplo frontão, no anverso e no reverso, e fóculo. A transição do capitel para o corpo faz-se com molduras, que se repetem, vestigialmente erodidas, na transição para uma sapata, inesperadamente grosseira, mas que permitia uma colocação segura no solo. As quatro faces do corpo foram trabalhadas e, uma delas, a frontal, apresenta uma inscrição de quatro regras, gravadas sem especial cuidado, sem eixo de simetria nem paginação, preenchendo totalmente o campo epigráfico. Nesta face, onde se encontra a inscrição, o capitel está parcialmente mutilado.

As dimensões da ara são:

Altura máxima – 95 cm;

Largura Max. (capitel) – 40 m;

Espessura máx. (sapata) – 47 cm.

Capitel – Altura – 16cm;

Largura – 35 a 40 cm

Molduras – 6cm

Corpo– Altura – 25 cm;

Largura – 28 cm

Sapata – Altura – 42 cm;

Largura – 32 a 47 cm.

Campo epigráfico: Altura – 25 cm;

Largura – 22 cm.

Altura das letras:

Linha 1 - 1: 65 ; 2: 40 ; 3: 40 ; 4: 45 ; 5: 45 ; 6: 40 mm;

Linha 2 - 1: 45 ; 2: 55 ; 3: 48 ; 4: 50 ; 5: 40 ; 6: 40 ; 7: 40 ; 8: 40 mm;

Linha 3 - 1: 40 ; 2: 40 ; 3: 38 ; 4: 52 ; 5: 40 ; 6: 43 ; 7: 50 mm;

Linha 4 - 1: 40 ; 2: 48 ; 3: 40 ; 4: 42 ; 5: 49 ; 6: 38 ; 7: 40 mm.

Espaços interlineares: 1: 1/2; 2: 2/3; 3: 2/5 cm.

Transcrição e leitura da inscrição:

<b>SABINV</b>	<b>Sabinu-</b>
<b>S ALBINI F</b>	<b>s Albini f(ilius)</b>
<b>VOT . SOLI</b>	<b>vot(um) Soli</b>
4 <b>I . SOLVIT</b>	<b>I(nvicto) solvit</b>

Tradução: Sabino, filho de Albino, cumpriu um voto ao Sol Invicto.

Na linha 1 está gravado o cognome latino SABINV, em nominativo, indicador do dedicante, que se completa com a primeira letra, um S, da segunda linha. Começa por uma letra com 65mm, de maiores dimensões que as restantes, certamente por ser a inicial; a segunda letra é um A em posição oblíqua assente quase verticalmente sobre a haste esquerda, a terceira é um B ligeiramente inclinada à esquerda, a quarta um I simplesmente indicado por um traço vertical, e a seguinte um N, com ângulo aberto, com inclinação para a direita, aparecendo a última, com menor altura, já no canto da face anterior com a lateral direita bastante erodida por um desgaste polido ao longo da aresta, que terá servido em qualquer circunstância como amolador, traindo genericamente a regularidade das dimensões e da tipologia dos caracteres capitais.

Na linha 2 está o S final do nominativo SABINVS seguido do genitivo ALBINI, designativo da filiação, cuja presumível gravação não se vê com clareza no fim da linha, na forma de um F; as espiras do S estão quase fechadas, sugerindo a forma de um B, que designaria como alternativa a filiação de BALBINI, que preterimos. Pois, segundo parece a primeira letra do nome é a seguinte, um A, com 55mm, também de maiores dimensões, ainda que só ligeiramente, que as restantes. De resto, nota-se maior regularidade quanto ao traçado e morfologia, com exceção para o L, levemente inclinado para a esquerda.

A linha 3 está mais desnormalizada. Das três letras da expressão votiva, VO aproximam-se de um perfil esguio e o T em posição sobreelevada com o travessão mal definido, separadas por um ponto distinguente da palavra seguinte, onde se percebe um S, com 52 mm, também maior que as restantes letras, com a espira superior quase fechada, igualmente sobreelevada, um O ovalado na vertical, mais pequeno, seguido de um L com a base inclinada para baixo e como letra final o traço vertical de um I, dativo da palavra SOL, referência teonímica.

A linha 4 mostra o traço vertical de um I, interpretado como epíteto da divindade, seguido de um ponto distinguente bem visível, aparecendo a palavra final, como expressão de pagamento da promessa, SOLVIT, com o perfil esguio, o S, com espiras abertas, inclinado à direita, o O ovalado, de menores dimensões, o L com a haste da base vestigial e as letras finais muito regulares.

As considerações de teor paleográfico apontam para a atribuição de uma cronologia tardia, eventualmente, do século II /III.

## 2. A ara denominada Marco do Padrão (fig. 3)

Esta ara está implantada num monte, como marco divisório com a freguesia de Vilela. Usando um GPS Garmin, as coordenadas do local são N 41° 55.337' e O 008° 25.826' e a sua altitude é de 220m, sobre o vale do rio Cabreiro, afluente do rio Vez, já próximo da sua confluência, no Porto Cornedo.

No seu aspecto geral, esta ara é parecida com a anterior. O seu material é granito de grão fino e duas micas; as faces do corpo foram trabalhadas e apresentam uma superfície lisa; no capitel, danificado, não se identificam nem toros, nem frontões e, bem assim, o fóculo; mas, na sua face superior, uma ondulação suave sugere que aqueles componentes existiram mas foram quase apagados por uma erosão de muitos anos sobre um capitel que deve ter sofrido danos anteriores à erosão. A transição para o corpo apresenta uma moldura imperfeita, e a transição deste para a sapata não tem qualquer moldura. A sapata é robusta, tem uma forma paralelipipédica, onde o corpo da ara se continua numa posição um pouco excêntrica em relação a esta base.

Para identificarmos a base desta ara fizemos uma escavação à sua volta com 1m de raio e, em profundidade, até a expormos completamente. Na terra e pedra miúda, que retirámos e recolocámos, não se encontrou qualquer objeto que com a ara se pudesse relacionar. Também fizemos uma inspeção na superfície e muros daquela zona da montanha, sem acharmos qualquer dado que se pudesse relacionar com a presença da ara.

As dimensões desta ara são:

- Altura total – 92 cm
- Altura do capitel – 24 a 27 cm, divididos por um sulco profundo que percorre as quatro faces do capitel, em duas partes. A superior, de altura variável entre 13 e 16 cm; a inferior, com 11 cm
- Corpo: Altura – 48 cm; Largura, nas faces poente e nascente – 31 cm; nas faces norte e sul – 37 cm.
- Sapata – Altura – 20cm; na base, 41-42 x 51-56 cm.

## COMENTÁRIO

São, efetivamente, muito raros os registos epigráficos votivos do Alto Minho, podendo indicar-se apenas mais quatro achados na área do município de Arcos de Valdevez.

O primeiro, ocorrido já nos finais do século XIX, trata-se de uma ara referenciada na capela de S. Cipriano, da freguesia de Santa Vaia de Rio de Moinhos, pelo ilustre arqueólogo conterrâneo, Félix Alves Pereira (1923 – 1924, 257-260), que a depositou no Museu Nacional de Arqueologia (MNA, Inv<sup>o</sup> E - 6158), de que era prestigiado funcionário.

Dedicada a uma divindade indígena designada como *Caro*, a que se atribuem funções guerreiras (Silva 2007, 437, n<sup>o</sup> 674, epig. 89; Redentor 2011, 2, 18-19, n<sup>o</sup> 009) relacionáveis com o Castro de Anhó (Silva 2007, 118, n<sup>o</sup>187), conta com paralelos numa inscrição de Lisouros, Cunha, Paredes de Coura, declaradamente votada a *Marti Caro* (Silva 2007, 437, n<sup>o</sup> 673, epig. 88; Redentor 2011, 2, 107, n<sup>o</sup> 140) e também com *Marti Carieco*, de Santa Eulália, Refóios do Lima, Ponte de Lima (Silva 2007, n<sup>o</sup> 436, n<sup>o</sup> 672, epig. 87; Redentor, 2, 98, n<sup>o</sup>127).

Duas outras (Redentor 2011,2,103, n<sup>o</sup> 134; 103-104, n<sup>o</sup>155), que foram encontradas na freguesia de Giela, reportar-se-ão à Quinta do Real, classificada como uma *villa romana* (Carvalho 2008, 89), sendo dedicadas a uma entidade teonímica eventualmente identificável com os Lares, em consideração aos dois caracteres, LA, dessa designação.

Uma quarta, fragmentada, foi identificada, em 2000, na igreja paroquial de Miranda, do mesmo concelho, mas diz respeito a uma divindade desconhecida (Redentor 2011, 2, 109, n<sup>o</sup> 143).

Havidos os registos invocados como *interpretationes* de testemunhos de cultos de origem reconhecidamente pré-romana, ora com significado guerreiro ora como de tutela do território, com esta nova referência a uma invocação heliolátrica, poder-se-ão revelar novos dados sobre o processo aculturador do mundo indígena face ao domínio romano, tornando visível o crescente sincretismo do seu panteão.

A maior novidade deste monumento epigráfico dedicado ao *Sol I(nvictus)*, identificado com *Mithra*, consistirá justamente em tornar-se em raro testemunho da penetração dos cultos orientais no noroeste, que, a par de *Cybele*, *Isis* e *Serapis*, se reconhecem quase só como testemunhos culturais por parte de

personagens oficiais, de que são conhecidas (Tranoy 1981, 332, 334-335) as inscrições de Astorga oferecidas pelos procuradores a *Isis*, *Serapis* e *Mithra* (AE 1968, 230 e 232) e a inscrição do legado dedicada, como a ara de Sá, ao *Sol Invictus* (CIL II, 2634; ILER, 189), assim como a dedicação de *L. Cassius Alpinus* e *M. Cassius Alpinus*, em León (AE 1967, 223; ILER, 189), e ainda, e em maior proximidade, a dedicação de *Lucretia Fida*, em Braga, cujo caráter oficial está indicado pela qualificação de *Augusta* dada a *Isis* e pela qualidade da dedicante, sacerdotisa do *conventus* (CIL II, 246; ILER, 352).

Para além destas aras e de outros vestígios de cultos orientais reconhecidos no noroeste, apenas três inscrições fazem alusão ao culto a Mitra: a primeira, encontrada em Caldas de Reyes, e que se perdeu (CIL IIS, 5365; García y Bellido 1967, 112, nº 9), outra, que é um altar fragmentário dedicado ao *Deus Invictus Sol Mythra*, proveniente da região de Santiago de Compostela (IRG I, 5; ILER, 292; Le Roux - Tranoy 1973, 222), e uma terceira, encontrada em La Isla (Colunga, Oviedo), no *conventus Asturum*, que apresenta um texto mais completo, com fórmulas litúrgicas e referências hierárquicas (CIL II, 2704 e CIL IIS, 5728; García y Bellido 1967, 38, nº 26).

Apesar da sua localização na Lusitânia, conforme observou A. Tranoy (1981, 335), pode somar-se a estes altares oferecidos a Mitra, a oferenda feita a este deus pelos habitantes de Braga instalados em *Pax Iulia* (Beja), o que dá a entender que o culto devia existir também na sua cidade de origem, pois que se reúnem em torno desta divindade na capital do *conventus pacensis* (García y Bellido 1967, 34, nº 15), tornando-se, assim, no testemunho de maior proximidade relativamente à ara de Sá.

Mas o que relevará ainda a dedicação da ara de Arcos de Valdevez será a sua distinção deste enquadramento religioso oficial, havendo-a como manifestação mais pessoal de uma fé individual, que cremos ter enquadramento tradicional na religiosidade indígena.

Para este entendimento nos remeterá a onomástica do dedicante, que é indicado por um cognome latino, de origem étnica, *Sabinus*, frequentemente adotado, em substituição da denominação indígena, com o avanço da romanização na antroponímia peninsular, onde ocupa o 25º lugar no total de 72 *cognomina* identificados (Abascal Palazón 1994: 493).

Na região, parece registado numa inscrição votiva de Reiriz, freguesia de Troviscoso, concelho de Monção, por sinal, como dedicante de uma expressão de voto duplicada, V.S. V.S., *v(otum) s(olvit) v(otum) s(olvit)* (Redentor 2011, 2, 105, nº 137), e noutra ara votiva, da freguesia de Vilela, concelho de Amares, aparece como cognome de um *Lucretius* (Redentor 2011, 2, 89-90, nº 115).

Do mesmo modo, o nome do seu pai, *Albinus*, está bem testemunhado por toda a península ibérica, contando com cerca de meia centena de registos (Abascal Palazón 1994: 265). Por vezes meramente considerado como de origem latina, este antropónimo constituirá, antes, segundo sugestão de J. Untermann (1965, 23), um nome plenamente romano que substitui um nome indígena, devendo precisamente a popularidade das formas latinas a nomes de naturais de forma semelhante, certamente por serem derivadas do mesmo radical indo-europeu *\*Alp-*, bem testemunhado na área céltica peninsular (Untermann 1965, 23), em especial, na Calécia meridional, onde também aparece como referência étnica (Silva 1982-1983: 86-87, est.1). Quadrará bem esta referência, que se deduz com o significado de “altura, elevação, montanha”, com o ambiente castrejo do seu achado, com mais aproximação ao Castro das Necessidades, da freguesia de Cabreiro (Silva 2007, 117, nº 184) e ao de Álvora (Silva 2007, 117, nº 182), do outro lado do Vez.

E, sem outros dados arqueológicos e epigráficos disponíveis, não temos como certo que se trate do cumprimento de um voto por parte de um iniciado nos mistérios mitraicos, podendo a sua oferta ser dirigida à divindade tomando-a como nume do panteão romano e não necessariamente como divindade oriental, exótica, como observou A. Redentor (2011,1, 369) a propósito de ex votos congêneres à *Mater Deum / Cybele*. Supomos mesmo, nestas circunstâncias, que se tratará de uma *interpretatio* heliolátrica castreja bem simbolizada, na região, em numerosos petróglifos de santuários rupestres, em elementos arquitetónicos, nomeadamente, na ornamentação das “pedras formosas” ou estelas de entrada dos monumentos balneares, como o do Castro das Eiras (Silva 2006, 15-16 e 2007, 117, nº

179), ou na representação da estatuária de guerreiros, como o de Cendufe, que nos foi dado a conhecer por F. Alves Pereira (1908), considerando, em especial, a solarização do escudo e a decoração do cinto e dos terminais dos torques, entre outras jóias e adereços emblemáticos.

Mais, não estranhemos que este estudo de caso transmita ainda algo da sacralidade desta tradição que se percebe em vários registos herdados pelo Cristianismo por via dos cultos mitraicos.

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad de Murcia – Universidad Complutense de Madrid (Anejos de Antigüedad y Cristianismo, II).
- CARVALHO, H. P. A. (2008) – *O povoamento romano na fachada ocidental do conventus bracarenensis*. Braga: Universidade do Minho.
- ELIADE, M. (1974) – *Traité d'histoire des religions*. Paris: Payot.
- FERREIRA, J. S. (1985 – 1986) – A ponte medieval de Cabreiro (Arcos de Valdevez). *Portugalia*, 6-7. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 117 - 121, 4 est.
- FERREIRA, J. S. (1987) – Materiais romanos no Paço da Glória (Arcos de Valdevez). *Portugalia*, 8. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 67 - 67, 3 est.
- FERREIRA, J. S. (2012) – O tombo de Cabreiro de 1795, Arcos de Valdevez. *Terras de Val de Vez. Boletim Cultural*, 19. Arcos de Valdevez.
- FERREIRA, J. S. (2015) – Val - de - Vez: Lugares de memória. Morilhões, Quinta de Tarento e S. Bento. *Terras de Val de Vez. Boletim Cultural*. Arcos de Valdevez (prelo).
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1967) – *Les religions orientales dans l' Espagne romaine*. Leyde (EPRO, V).
- LE ROUX, P. – Tranoy, A. (1973) – Notes d'épigraphie romaine de Galice. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 28. Santiago de Compostela, p. 221 - 234.
- PEREIRA, F. A. (1908) – Novo material para o estudo da estatuária e arquiteturado Alto Minho. *O Arqueólogo Português*, 13. Lisboa, p. 202 - 244.
- PEREIRA, F. A. (1923 - 1924) - Rascunho de velharias de Entre-Lima-e-Minho, *O Arqueólogo Português*, 26. Lisboa, p. 251 - 282.
- REDENTOR, A. J. M. (2011) – *A cultura epigráfica no conventus bracaravgustanus (pars occidentalis)*. *Percursos pela sociedade brácar da época romana*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SILVA, A. C. F. (1982 - 1983) – Novos dados sobre a organização social castreja. *Portugalia*, 2-3. Porto. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 83 - 96.
- SILVA, A. C. F. ; MACHADO, J. (2006) – Banhos castrejos do Norte de Portugal: O monumento do Alto das Eiras. In Silva, A.C.F. (coord.), *Pedra Formosa – Arqueologia experimental*. Vila Nova de Famalicão – Museu Nacional de Arqueologia, p. 21 - 61.
- SILVA, A. C. F. (2007) – *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira - Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (2ª ed.).
- TRANOY, A. (1981) – *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l' Antiquité*. Paris: Diffusion de Boccard.
- UNTERMANN, J. (1965) – *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua*. Madrid: CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 7).

## Abreviaturas

- AE: *L' Année Épigraphique*. Paris: CNRS; Université de Paris I.
- CIL II / CIL IIS: Hübner, E. (1869 / 1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berolini: Gergium Reimerum.
- ILER: VIVES, J. (1971 – 1972) – *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona: Universidad d
- IRG: BOUZA-BREY, F. ; D'ORS, A. (1949) – *Inscripciones Romanas de Galicia*, I. Santiago de Compostela: Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos.



**Fig. 1** – Ara votiva de Sá, Arcos de Valdevez



**Fig. 2** – Ara votiva de Sá: Campo epigráfico



**Fig. 3** – Ara do Monte do Padrão (Sá, Arcos de Valdevez)